

MOBILIZAR AFETOS E INVENTAR ALIANÇAS NA CIDADE E NA UNIVERSIDADE⁶⁵

Deisimer Gorczewski
Maria Fabíola Gomes
Sabrina Késia de Araújo Soares

N o percurso da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes,⁶⁶ conhecemos diferentes modos de viver, habitar e circular em duas cidades brasileiras – Porto Alegre e Fortaleza. O estudo teve como objetivo acompanhar intervenções sonoras (rádio, música), visuais (grafite e fotografia) e audiovisuais com juventudes em territórios de criação e produção artística e comunicacional, na perspectiva de cartografar como os jovens (e seus coletivos) exercem o poder de intervir em espaços da cidade e da universidade. A pesquisa provocou aproximações entre a vida acadêmica e comunitária, proporcionando a configuração de outros mapas, em se tratando de territórios políticos, estéticos, cognitivos e existenciais.⁶⁷

⁶⁵ Este capítulo foi composto no enlace de dois trabalhos: Gorczewski et. al. (2012) e Gorczewski e Soares (2014), elaborados anteriormente, os quais foram retrabalhados e ampliados para este capítulo.

⁶⁶ Mais detalhes na seção “O que podem as In(ter)venções Audio Visuais com Juventudes?”, neste livro.

⁶⁷ Nos encontros do Coletivo de Pesquisa e nas Rodas de Conversa, iniciamos o mapeamento dos possíveis territórios de investigação. Uma apresentação mais detalhada sobre

A cidade de Fortaleza vem expandindo suas redes de criação, produção, circulação artística e, em especial a de formação audiovisual, desde os anos 2000. Exemplos podem ser reconhecidos nos projetos da Escola do Audiovisual da Vila das Artes, coordenada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, em cursos de graduação em universidades privadas, também com o curso de graduação em cinema e audiovisual, na Universidade Federal do Ceará e, mais recentemente, com a criação do Projeto Porto Iracema – Escola de Formação e Criação do Ceará.⁶⁸

Em Porto Alegre, experiências de formação em audiovisual também ganham força por meio das articulações locais envolvendo políticas públicas, governamentais e organizações da sociedade civil. Destacamos projetos relacionados às políticas de Descentralização da Cultura, iniciadas na década de 1990, com a realização de oficinas de vídeo, em diversos bairros da cidade. Nesse processo, surgem outros projetos, entre eles o Olho da Rua, realizado entre 2001 e 2004, e o Programa de Alfabetização Audiovisual,⁶⁹ realizado nas escolas de Porto Alegre, desde 2007, onde estudantes e professores exploram as possibilidades da fotografia e do cinema incorporando a linguagem audiovisual ao ensino formal. O programa também realiza o Festival Escolar de Cinema. E, falando em festival, ressaltamos outras duas iniciativas: Cine Esquema Novo (CEN) Expandido⁷⁰ e, mais recentemente, o Democracine, I Festival Internacional de Cinema de Porto Alegre.⁷¹

a criação do Coletivo e a escolha dos territórios de pesquisa, em Fortaleza, pode ser analisada no capítulo “Processo de Criação do Coletivo In(ter)venções e das Escolhas dos Territórios de Pesquisa a partir da Cartografia”, neste livro.

⁶⁸ Mais detalhes pelo portal: <<http://www.portoiracemadasartes.org.br/>>.

⁶⁹ O Programa de Alfabetização Audiovisual e 6º Festival Escolar são uma realização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Secretarias da Cultura e da Educação, com parceria da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, SindiBancários, Sala Redenção e Sala P. F. Gastal. Mais informações no blog <www.alfabetizacaoaudiovisual.blogspot.com.br/>.

⁷⁰ Concebido em 2001 e realizado pela primeira vez em 2003. A partir de 2014, o CEN passará a ser realizado de dois em dois anos. Mais informações: <<http://cineesquemanovo.org/expandido/apresentacao/>>.

⁷¹ Esse evento foi realizado em conjunto com a XII Conferência do Observatório Internacional, em 2012. Nesse evento, a Pesquisa In(ter)venções foi convidada e participamos da mesa: “A Procura de Democracias de Alta Intensidade, A Partir das

Constatamos, no decorrer da pesquisa, que, em ambas as cidades, as redes de circuito comunitário, a partir das ações de associações culturais, organizações não-governamentais (ONGs) e coletivos autônomos, crescem e afirmam ações de formação audiovisual. Entre as muitas referências, na cidade de Fortaleza, ressaltamos o projeto Escola de Mídia, coordenada pela ONG Aldeia, o projeto Olho Mágico, criado por um coletivo de jovens estudantes de comunicação e o trabalho realizado com jovens do Movimento Sem Terra (MST) com a coordenação da Academia de Ciências e Artes (ACARTES). Cabe mencionar também experiências anteriores, como o Farol da Memória, na Associação dos Moradores do Titanzinho, a TV Janela e o Alpendre – Casa de Arte, Pesquisa e Produção, todos em distintos bairros da cidade.

Além da experiência do Lente Jovem, coordenado pelo Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP),⁷² em Porto Alegre, destacamos o trabalho de outros coletivos atuantes na capital gaúcha: Nós da Mídia, no bairro Restinga; Ksulo, no Bom Jesus; ONG Maria Mulher, na Vila Cruzeiro do Sul; Quilombo do Sopapo, no bairro Cristal; Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE); Levante Popular da Juventude – movimento juvenil que iniciou em Porto Alegre e se espalhou pelo Brasil⁷³ –; sem esquecer das experiências na produção audiovisual de coletivos e jovens que atuam com a cultura *Hip-Hop*, na cidade de Porto Alegre.

No acompanhamento de processos de criação e intervenção audiovisual, em territórios científicos e comunitários, constatamos, primeiramente, as aproximações e alianças entre jovens universitários, produtores, realizadores audiovisuais e participantes de projetos sociais e culturais em associações comunitárias, ONGs e coletivos autônomos. Entre eles, muitos recém-ingressos nas universidades.

Contribuições das Artes Visuais”. Mais informações: http://www.democracine.com.br/default.php?reg=13&p_secao=11

⁷² Uma apresentação mais detalhada do projeto Lente Jovem pode ser encontrada nos capítulos “Ilhas que Resistem: Titanzinho, em Fortaleza; Arquipelago, em Porto Alegre” e “Lente Jovem e o Ponto de Vista dos Ilhéus”, neste livro.

⁷³ Mais detalhes no capítulo “Lente Jovem e o Ponto de Vista dos Ilhéus”, neste livro.

Sabe-se que esse processo de ingresso ao ensino de graduação tem sido progressivo, mesmo que os dados apontem para números ainda muito aquém do que se deseja.⁷⁴ O que se constata é que o cotidiano de alguns desses jovens vem sofrendo transformações através das combinações de alguns aspectos: experiências universitárias, comunitárias, artísticas e comunicacionais. O percurso feito por eles não obedece a uma lógica, porém, os apontamentos que se têm é de que todos os aspectos citados anteriormente acabam interferindo nesse processo.

Nessa perspectiva, encontramos alguns possíveis aliados também nas universidades, em especial grupos e projetos de extensão e pesquisa com temáticas e intervenções envolvendo juventudes, comunidade, universidade e políticas públicas. E, como afirma Deleuze, em *Conversações*:

Nós nos dirigimos aos inconscientes que protestam. Buscamos aliados. Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, que eles não esperaram por nós, que tem muita gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas: não é questão de moda, mas de um “ar do tempo” mais profundo em que pesquisas convergentes estão sendo realizadas em domínios muito diversos (DELEUZE, 1992, p. 34).

Entre as pesquisas que convergem, iniciamos a aliança com o Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões dos Saberes – Políticas Públicas de Juventude,⁷⁵ realizado no Instituto de Psicologia Social e Institucional, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a coordenação da professora Nair Iracema Silveira dos Santos. No pri-

⁷⁴ O nível de instrução da população aumentou. Nas pessoas de dez anos ou mais de idade por nível de instrução, de 2000 para 2010, o percentual dos sem instrução ou com o nível fundamental incompleto caiu de 65,1% para 50,2%. Já a taxa de pessoas com pelo menos o curso superior completo aumentou de 4,4% para 7,9%. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>

⁷⁵ O PET Conexões Políticas Públicas de Juventude é uma proposta institucional e temática, sem vinculação específica a um curso. Tratando-se de uma proposta institucional, com referência na experiência do Programa Conexões de Saberes, as ações estão direcionadas para a participação dos estudantes nas discussões do modelo de universidade, das políticas públicas de juventude, das ações afirmativas e da produção de conhecimento com estratégias interdisciplinares.

meiro ano da pesquisa In(ter)venções, realizamos uma parceria envolvendo doze estudantes bolsistas do PET Conexões e alguns mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGSI), na UFRGS. E, no decorrer da pesquisa, acompanhamos a reabertura do Laboratório de Imagem, Criação e Subjetividades (LICS), no PPGSI-UFRGS.

Na Universidade Federal do Ceará, entre os projetos afins, situamos as experiências do Laboratório das Juventudes (LAJUS), grupo de pesquisa sob a coordenação da profa. Glória Diógenes,⁷⁶ que vem pesquisando a situação das juventudes de Fortaleza com a perspectiva de aproximar narrador⁷⁷ e pesquisador. Também nos aproximamos da pesquisa Juventudes e Mídia: um estudo sobre o consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de escola pública de Fortaleza, coordenado pela Professora Luciana Lobo Miranda, do PPG em Psicologia, na UFC, realizando dois Encontros entre Pesquisas, entre 2012 e 2013.⁷⁸ Outro Encontro entre Pesquisa foi realizado com o Laboratório “Outros Lugares, Formatos e Práticas em Performance”, idealizado por Walmeri Ribeiro e Nathalie Farie, organizado pelo Laboratório de Poéticas Cênicas e Audiovisuais (LPCA) do ICA-UFC, e pelo Atelier Obra Viva Berlin-Alemanha. O encontro foi realizado na sede da Associação dos Moradores do Titanzinho, em Fortaleza, em 2013. E, mais recentemente, convidamos o projeto de extensão “Se essa rua fosse nossa”, realizado com os estudantes de Arquitetura da UFC e moradores da rua Lauro Vieira Chaves, uma comunidade ameaçada pela remoção, em Fortaleza. O trabalho é uma continuidade do mutirão iniciado no SeNEMAU-2012 (Seminário Nacional dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo) sediado pelo Canto.⁷⁹ No mutirão

⁷⁶ O estudo de Glória Diógenes (1998) “Cartografias da Cultura da Violência: gangues, galeras e o movimento *hip hop*” também é referência bibliográfica nessa perspectiva de pensar a atuação dos jovens.

⁷⁷ Jovens.

⁷⁸ Mais detalhes no blog da Pesquisa In(ter)venções. Disponível em: <<http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/search/label/Encontro%20entre%20Pesquisas>>.

⁷⁹ Mais detalhes no Capítulo “Essa Rua Virou Nossa”, neste livro.

também participaram as artistas do Selo Coletivo.⁸⁰ O projeto é coordenado pela professora Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva.

Neste estudo, apresentamos aspectos da pesquisa In(ter)venções, em especial a questão: “o que podem as In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes?”. Nessa pergunta de partida, colocamos a temática do poder, da potência que nos impele a produzir conexões entre espaços da cidade e da universidade com arte e comunicação, entre outras áreas de conhecimento.

A pesquisa foi se desdobrando e, durante dois anos e seis meses, surgiram outras questões que envolviam pensar a relação entre práticas coletivas e colaborativas, problematizar conceitos como amizade, afeto e políticas de amizade, bem como micropolíticas e resistência, entre outros, que foram tomando a pauta de nossos encontros de estudo e intervenção.

Na investigação, realizamos rodas de conversa e encontros entre pesquisas, bem como oficinas, intervenções, criações e produções de zines, vídeos e mostras audiovisuais. E, além desses dispositivos e das idas aos territórios, inventamos exercícios com diários de bordo|diários audiovisuais,⁸¹ aproximando multiversos de pesquisadores e jovens que atuam em organizações comunitárias, acadêmicas e artísticas em coletivos autônomos, em ONGs ou realizam alianças com elas.

Convidamos alguns desses jovens a contarem suas experiências, realizadas no caminho percorrido por eles, caminhos esses repletos de desejos, escolhas e aproximações com outros multiversos diferentes dos vivenciados cotidianamente. Cada um traz suas singularidades, sustentados nas relações de afeto tecidas nas redes de amizade, iniciadas e/

⁸⁰ Coletivo de artistas visuais de Fortaleza que trabalham expressões da arte urbana. Imagens do trabalho realizado pelo Coletivo disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/selocoletivo/>>.

⁸¹ Os diários audiovisuais são pequenos gestos e fragmentos de imagens e sonoridades que tomam nossa atenção, no cotidiano da pesquisa, em circunstâncias das mais diversas, desde as passagens pelas ruas e esquinas até os encontros com a imensidão do mar, com as oficinas, com as intervenções visuais e audiovisuais, em especial os mutirões na Associação dos Moradores, no Titanzinho, em Fortaleza. Mais detalhes no capítulo “Cartografias AudioVisuais como Dispositivo da Pesquisa-Intervenção”, na primeira seção deste livro.

ou fortalecidas durante esse percurso. E, em se tratando de amizade, evocamos as contribuições de Deleuze (2004) e Pasetti (2012) que nos provocam a pensar amizade a partir de outras abordagens que não a mais comum, ou seja, associada ao encontro de iguais. Enquanto Deleuze nos fala, em entrevista concedida a Claire Parnet,⁸² que a amizade corresponde a um ato de partilha do que se sente e do que se vive no cotidiano, independente de convergências ou divergências, Pasetti (2012, p. 82) apresenta o ato de diferir como aspecto “próprio dos amigos em suas relações diluidoras”.

Dessa maneira, os amigos, os vizinhos, os participantes do coletivo, das redes, organizações e instituições que os jovens integram, sustentam experiências e ações vividas por cada um, que fazem uso das expressões artísticas, comunicacionais e comunitárias, para criarem imagens de si, de suas comunidades e do mundo. As comunidades são compreendidas, na visão de muitos jovens, não apenas como espaços de moradia, mas, sobretudo, como o lugar onde podem expressar angústias e vontades por meio de outras linguagens sem temor de olhares indiferentes, pois todos os inseridos nesses espaços vivenciam e partilham do cotidiano sensível. É dos laços afetivos com seus territórios e do acolhimento das relações de amizade que emerge a potência de agir. Nesse sentido, Bauman (2003) afirma que uma comunidade é mais que local de pertença, é onde os indivíduos sentem-se abrigados de qualquer ameaça coercitiva.

Fabiola, Charlene, André, Anderson, Charliane e Vanessa⁸³ – seis trajetórias que nos levam a observar algumas coincidências na vivência cotidiana, dentre elas o que se refere aos espaços de moradia e às expressões do desejo de aproximar suas comunidades da universidade e vice-versa, além das relações de amizade. Esses seis jovens realizam

⁸² Entrevistas que compõe o Abecedário de Deleuze realizadas por Claire Parnet e filmadas nos anos 1988-1989, com a realização de Pierre-André Boutang e produzida pelas Éditions Montparnasse, Paris, e divulgadas em 2004. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação.

⁸³ Neste texto, foram apresentados os nomes originais dos jovens que narram suas experiências em entrevistas e participações nas Rodas de Conversa realizadas entre 2011 e 2013, em Fortaleza e Porto Alegre.

percursos que entrelaçam processos artísticos (sobretudo o audiovisual) e comunicacionais e, de maneira singular, experienciam modos de ser e habitar territórios comunitários, antes mesmo de ingressarem em instituições de ensino superior, o que Passos, Kastrup e Escóssia (2010) chama de fazer/saber, processo que presume a experiência do mundo, o conhecer a partir do caminhar. A fala⁸⁴ de Charliane evidencia o desejo de realizar esse percurso: *“eu moro no Morro de Santa Terezinha, ainda não faço faculdade, mas pretendo fazer, quero fazer cinema”*.⁸⁵

E, por outro lado, também encontramos jovens que realizam o percurso inverso, ingressando nas instituições de ensino superior e, a partir de experiências em projetos de extensão, por exemplo, passam a estabelecer uma relação com suas comunidades. Desse modo, emergem questões disparadas nas experiências em territórios acadêmicos, o que Passos, Kastrup e Escóssia (2010) chamam de saber/fazer. A fala de Fabíola apresenta um desses momentos em que são disparados fazeres nesses territórios:

Eu estava estudando na UECE, fazendo Letras lá e aí tinha uma professora que... eu lembro muito bem disso. Eu assisti a uma palestra dela, onde ela falava e tudo, e um dos projetos dela era que ela queria levar a leitura instrumental do francês pro Titanzinho, usando termos do Titanzinho. Quando terminou a palestra eu fui falar com ela... e eu disse “professora eu moro lá”. Então nem ela sabia que eu morava lá, e eu também não sabia que ela tinha esse projeto lá, e é a partir desse momento que eu entro na Associação, porque até então eu não tinha nenhum en-

⁸⁴ As narrativas e relatos de campo, realizados neste artigo, foram produzidos entre setembro de 2011 e abril de 2012. As falas foram transcritas e os relatos escritos por integrantes do Coletivo In(ter)venções e, neste texto, serão indicadas em itálico.

⁸⁵ Outra fala, agora de Charliane, que também participou de uma das Rodas de Conversa, evidencia ainda mais esse desejo de estudar na universidade: *“Eu quero fazer uma faculdade de comunicação, mas nem por isso eu quero parar de estudar, eu quero continuar, eu acho que eu quero ficar bem velhinha e ainda quero ficar estudando. Quero fazer um monte de coisas. Quero fazer comunicação, quero fazer história, quero fazer... Quero fazer psicologia, então... Não vou parar de estudar nunca. Eu quero trabalhar com audiovisual. Desse tempo já eu era apaixonada por fotografia, eu era um das poucas que entrava na lanhouse, eu sempre parava em site assim de fotografia, de vídeo, muitos sites”* (Charliane, jovem entrevistada por Tayce Bandeira, em 2010).

volvimento com movimentos do bairro, embora eu sempre tenha morado lá (Transcrição da narrativa de Fabíola, na V Roda de Conversa realizada em abril de 2012).

Diante das intervenções realizadas pelos jovens em suas comunidades, bem como nas universidades, pensamos que a aproximação de multiversos, em alguns casos antagônicos, tem propiciado o acesso a outros espaços da cidade, contribuindo com a produção de conhecimento em cidadania, comunicação e educação, e mesmo de constituição política a partir das relações estabelecidas.⁸⁶

Assim, é pertinente cartografar os desejos e vontades que mobilizam os jovens a experienciar outras linguagens, como o audiovisual, na tentativa não só de inventar a si, mas também de intervir e inventar realidades, “outros mundos possíveis”, fazendo isso em coletivos autônomos, redes, organizações e/ou alianças com instituições.

O método da cartografia oferece-nos dinamicidade e abre possibilidades imprevisíveis, pois os caminhos emergem ao caminhar. Diante dessa perspectiva, afirmamos a possibilidade de experienciar o inventivo e o afetivo, as políticas de amizade como dimensões potenciais na produção de subjetividade juvenil e nos processos de singularização dos envolvidos na pesquisa. Assim, a cartografia deve ser praticada, como afirma Kastrup (2008), tendo como ideia central o exercício de pesquisar com e não sobre algo.

As relações entre amizade e coletivo nos encontros com juventudes

Neste estudo, a compreensão do termo amizade passa pela proposição apresentada por Gilles Deleuze, em especial na entrevista con-

⁸⁶ No mês de março de 2012, o Coletivo da pesquisa In(ter)venções recebeu convite para participar da Semana de Porto Alegre, mais precisamente do Projeto Na Boa em PoA – Aquecendo o Democracine. Do painel: “**A Produção Audiovisual como Ferramenta de Democracia**”, participaram três integrantes, entre elas Sandra e Fabiana – que, além do evento promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, também conviveram, durante uma semana, visitando projetos como o Lente Jovem, coordenado pela ONG Camp, a Fundação Luterana de Diaconia e o coletivo de pesquisa PET-Conexões, na UFRGS.

cedida a Claire Parnet, em que questiona: “Por que se é amigo de alguém?”. Na conversa, Deleuze afirma: “Para mim, é uma questão de percepção. Não o fato de ter ideias em comum”. E, em seguida, volta a questionar: “O que quer dizer ‘ter coisas em comum com alguém?’”. Ao problematizar a relação de amizade, o autor sugere um distanciamento das concepções simplistas que nos levam a pensar em termos de ideias em comum. Em suas palavras:

Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum, ou de uma pré-linguagem em comum. Há pessoas sobre as quais posso afirmar que não entendo nada do que dizem, mesmo coisas simples como: “Passe-me o sal”. Não consigo entender. E há pessoas que me falam de um assunto totalmente abstrato, sobre o qual posso não concordar, mas entendo tudo o que dizem. Quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e elas a mim. E não é pela comunhão de ideias. Há um mistério aí. Há uma base indeterminada... É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de ideias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto. [...] Alguém emite signos e a gente os recebe ou não. Acho que todas as amizades têm esta base: ser sensível aos signos emitidos por alguém. A partir daí, pode-se passar horas com alguém sem dizer uma palavra ou, de preferência, dizendo coisas totalmente insignificantes. Em geral, dizendo coisas [...] (DELEUZE, 2004).

Passeti (2012, p. 81) também discorda da construção social que concebe amizade enquanto convergência de desejos e ideais comuns. O autor fala de amizade como um ato de diferir, nesse caso, não nos fala apenas sobre aquilo que é diferente, “mas uma maneira de viver a diferença”.

Quem difere não prefere, fere e cuida, briga e repousa, junto. Diferir é próprio dos amigos! Estes não estão acolhidos num transcendental chamado amizade, nem no que esta palavra supõe como identidade, semelhança, interesse, confissão privada ou pública. [...] Diferem para dissolver as substâncias tão bem compreendidas pela química como propriedades, composi-

ções e decomposições, por meio de causalidades, e o estrutural enquanto qualidade inseparável do corpo, consolidado pela física (PASSETI, 2012, p. 81).

Ao longo da pesquisa In(ter)venções, foi constatada a relevância das relações de amizade, parentesco e vizinhança que mobilizam experiências e alianças entre e com jovens. Os laços de afeto acontecem em distintas modalidades de convívio. O que chamamos de afeto, neste estudo, aproxima-se ao pensamento de Spinoza (2007), que propõe distinções conceituais. Em especial, interessou-nos a compreensão de “afecções” como modulações das realidades inventadas nos encontros entre corpos ou pensamentos, realidades que passam de um estado a outro, aumentando ou diminuindo, impulsionando ou impedindo a potência de agir.

Observamos, primeiramente, aproximações entre os jovens universitários nos encontros do Coletivo de Pesquisa, em Fortaleza, e nas atividades realizadas em Porto Alegre. Também aconteceram outras aproximações entre distintas juventudes (e nem tanto), alargando as possibilidades de encontros e alianças políticas e afetivas. Com o dispositivo das Rodas de Conversa, configuramos espaços de criação e interação entre o Coletivo de Pesquisa e nossos convidados – pesquisadores, educadores, coordenadores de projetos comunicacionais e artísticos, produtores audiovisuais, artistas, ativistas e comunicadores autônomos ou que atuavam em organizações sociais e culturais, associações comunitárias e outras instituições. Nas rodas, propusemos conversar sobre as processualidades da pesquisa com as juventudes, suas experiências de intervir e inventar em audiovisual, bem como a análise crítica das produções videográficas e de outros materiais de expressão.

As experiências na realização das Rodas de Conversas também foram produtivas para pensarmos na expansão do conceito de amizade incidindo na produção de subjetividade, agora, a partir da compreensão de coletivo não mais restrito ao convívio de pessoas e suas individualidades, com um objetivo ou mesmo uma “ideia em comum”, ou ainda, a relação entre indivíduo e coletivo.

A subjetividade não se refere à individualidade e, menos ainda, à ideia de “Indivíduo”, conceito que ganha força desde, pelo menos,

o século XVIII. Também não está se falando de uma identidade coletiva e a relação com identidades individuais, essa muito presente no senso comum tendo sido instaurado com a caracterização de “Individualismo”. Com um caráter polifônico, múltiplice e em constante transformação, a subjetividade não se reduz ao indivíduo, é da ordem da produção, fabricada e modelada no registro do social, do material (GUATTARI, 1992).

Para a Esquizoanálise, a produção da fala, da escrita, das imagens, sonoridades, da sensibilidade, a produção do desejo não está acoplada a um tipo de representação do indivíduo. Nessa perspectiva, trata-se de pensar o coletivo “no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como alguém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos circunscritos” (GUATTARI, 1992, p. 20). O uso desse termo “implica também entrada de diversas coleções de objetos técnicos, de fluxos materiais e energéticos, de entidades incorporais, de idealidades estéticas, etc.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 319).

Na pesquisa e, em especial, nas Rodas de Conversa, perguntamos: como construir estratégias metodológicas que propiciem conhecer o que é vivido nos coletivos juvenis, sendo eles a partir de experiências acadêmicas, comunitárias, comunicacionais e artísticas e, em especial, nos territórios das juventudes? E, no processo de acompanhamento, observar: como esses novos desafios têm sido enfrentados nas práticas de pesquisa, ensino e extensão?

Ao ampliarmos a noção de coletivo e, ao mesmo tempo, traçarmos a proposição de “territórios das juventudes”, emergem questões a partir dos encontros entre distintos modos de ser jovem e habitar a cidade que, para além da geografia, se apresenta com dimensões políticas, cognitivas, estéticas e afetivas.

Ao propor pesquisar In(ter)venções sonoras, visuais e audiovisuais, o estudo passou a demandar outros modos de escutar, observar e analisar processos de criação e produção de conhecimento-subjetividade, considerando, em especial, as contribuições das tecnologias audiovisuais como dispositivos de pesquisa-intervenção.

As narrativas dos jovens e suas in(ter)venções comunitárias e científicas

No exercício de escuta das narrativas dos jovens, foi possível conhecer um pouco do percurso realizado antes e durante a formação dos coletivos, como os jovens apropriam-se do fazer com as linguagens visuais e sonoras inventando outros modos de expressão artística e comunicacional. As falas de dois desses jovens – Charliane e Anderson – traduzem esse percurso a territórios novos capazes de proporcionar fazeres e saberes, em alguns casos, destoantes do que se vivencia nas periferias de nossas cidades.

Eu conheci a Aldeia⁸⁷ a partir do colégio Bárbara de Alencar... eu estudava lá no segundo ano e aí vieram com essa proposta, chamava escola de mídia. Assim, de início eu me interessei porque eu nunca tive nenhum contato...nem sabia o que era... Aí, tipo, teve uma seleção, depois da seleção a gente teve aula de roteiro, de produção, de câmera, desenvolvemos alguns... foi muito legal, foi bem bacana ... foi uma coisa em que eu me encontrei... Não quero fazer isso, quero trabalhar com isso. Depois que eu entrei na Aldeia, eu passei a olhar o bairro e o próprio audiovisual de uma forma diferente. Hoje eu tenho uma visão mais crítica de tudo o que acontece, e isso só aconteceu depois da Aldeia (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

Conheço a Acartes⁸⁸ desde criança, sabia mais ou menos o tra-

⁸⁷ Configurada como uma Organização Não-Governamental sem fins lucrativos, fundada no ano de 2004. Atua no Grande Mucuripe (periferia de Fortaleza), uma área que abrange cerca de seis bairros e mais de uma dezena de comunidades. A sede da ONG funciona no Morro de Santa Terezinha. Em 2009, tornou-se Pontão de Cultura Digital através do edital do Ministério da Cultura - MINC, passando a trabalhar em todo o Estado do Ceará, na articulação dos Pontos de Cultura do Estado.

⁸⁸ A ACARTES (Academia de Ciências e Artes) é uma organização da sociedade civil criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza) por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve ações de formação em cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e de bonecos para jovens e adolescentes da região. Em 2004, a ONG foi se-

balho do pessoal de lá. Então surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação, eu me interessei e fiz juntamente com alguns amigos. Gostei muito e continuo lá até hoje como monitor. Através da Acartes eu conheci outras experiências, abri minha visão pra algumas coisas que não entendia (Anderson, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em setembro de 2011).

As falas iniciais de Charliane e Anderson apresentam o papel dessas instituições em ampliar as possibilidades criativas e inventivas dos que vivem em comunidades periféricas. Evidenciam também como esses jovens acabam se aproximando dos coletivos e organizações sociais e culturais locais e, ao mesmo tempo, compondo seus territórios, além de como esses novos multiversos são capazes de fazer pensar as relações com os territórios habitados. As falas sugerem pistas de como esses jovens tomam o audiovisual em suas práticas e seus modos de expressão, no cotidiano, manifestando o desejo de seguir com a formação, inclusive, na perspectiva profissional. Charliane afirma: “*Não quero fazer isso, quero trabalhar com isso*” e, nessas palavras, percebe-se a força de experiências que movem desejos e projetos de vida.

Amizades emergem dessas experiências ampliando e fortalecendo modos de conhecer-viver singulares e coletivos. A fala de Charliane apresenta aspectos do que se poderia chamar de cumplicidade no convívio, em projetos sociais e comunicacionais.

A Clara⁸⁹ me ajudou muito quando eu tava lá na escola de mídia, acho que só consegui porque ela me ajudou com o roteiro do “*Todos São Francisco*”, porque tudo bem que a ideia, a história era minha, mas tinha muita coisa que era novo pra mim, é muito diferente você escrever um roteiro pra participar de um edital, tem muita coisa, muito detalhe e a Clara sempre me ajudou

lecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais, para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 o número de jovens beneficiados. Em 2010, através de uma parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE), está realizando oficinas de audiovisuais para 25 jovens de 12 assentamentos rurais do MST do Estado.

⁸⁹ Uma das educadoras da Escola de Mídia.

muito (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

Assim, Charliane foi construindo sua vivência com o audiovisual e com outras pessoas, que não necessariamente eram moradoras do seu bairro. Clara, participante da ONG Aldeia, passa, então, a fazer parte desses multiversos de forma a partilhar conhecimentos e afetividades, tanto que Charliane nela confia para realizar esse percurso de criação. Nesse sentido, podemos analisar essa relação como tomada por “uma genealogia da amizade como subjetivação coletiva e forma de vida, isto é, a criação de um espaço intermediário capaz de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos” (ORTEGA, 1999, p. 24).

Outra fala de Charliane revela como esse processo de criação e produção faz emergir questões ligadas à vida de cada jovem:

[...] eu fiz assim um vídeo pequeno, o nome do vídeo é “Em nome da mãe”... porque eu não tinha uma relação muito boa com a minha mãe, pra falar a verdade. Aí dentro desse vídeo que despertou esse olhar... conhecer um pouco mais de mim e da minha mãe e da minha família, porque assim “Todos são Francisco” surgiu disso, do “Em nome da mãe”, porque eu me conheço, eu sei quais eram as minhas dificuldades e não conhecia o meu pai e eu não sabia dos meus irmãos... Eu me surpreendi com eles, porque eu não sabia que fazia tanta falta, fiquei... o vídeo todo... assim... meio que sempre tendo uma surpresa a cada dia... tendo uma surpresa... tipo terminava tinha uma surpresa (CHARLIANE, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

O que Charliane vivencia passa a ser incorporado nas suas produções audiovisuais. Ou seja, o audiovisual implica (interfere, atua, tensiona, age, produz) mudanças no/do mundo pelos jovens. Como afirma Guattari e Rolnik (1996), os processos de singularização estão relacionados aos modos como, em princípio, funcionam e são articulados os elementos que constituem “a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 69).

Também, por meio das falas, podemos acompanhar o percurso de Fabíola, Charlene e André até a Associação de Moradores do Titanzinho:

Eu não tinha interesse algum em participar da Associação, aliás, eu nem queria, isso só aconteceu por conta da minha mãe que era envolvida e que em um dos anos acabou sendo a presidenta. Só que depois de um tempo lá, eu comecei a gostar daquilo e do que fazia. Quando a minha mãe era presidenta, a gente começou a observar que mais jovens passaram a participar das atividades e isso foi legal, foi quando vieram o André e depois a Fabíola (Charlene, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012).

Eu começo a participar das atividades da Associação quando eu ainda tava na graduação. Muitas pessoas que estavam na academia, principalmente o pessoal do curso de História, começaram a pesquisar sobre a história do seu bairro e eu me senti instigado a conhecer o meu, porque eu morava lá desde criança, mas não conhecia como havia acontecido todo o processo do bairro, então eu começo a pesquisar durante a graduação, continuo com a pesquisa no mestrado e doutorado, mas é a partir desse início que eu passo a estabelecer uma ligação maior com esse espaço e com as histórias desse lugar. É bacana ver que muitas coisas boas acontecem no lugar, o surfê, o audiovisual, a própria fotografia, são coisas que tão vindo com muita força, pelo menos é que o que gente tem percebido (André, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012).

Eu chego até a Associação através do projeto de leitura instrumental. Eu já conhecia tanto o André e a Charlene quando comecei a participar, mas só de vista, mas sabia quem era cada um. Esse momento lá na Associação foi de muito envolvimento dos jovens, cada um acabava fazendo alguma coisa, tinha muita gente por lá. Agora, já no cinema, eu volto novamente pra associação pra trabalhar com o audiovisual que é um movimento muito forte existente no bairro, que tem muitos realizadores (Fabíola, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012).

O jovem André, em sua fala, enfatiza as relações de amizade existentes no bairro, que proporcionaram para que ele, após ingressar

na universidade, tivesse o desejo de pesquisar sobre sua história de vida, sobre a história do bairro. A jovem Fabíola, que seguiu o mesmo caminho de André, ingressando na universidade, afirma que foi a partir de sua participação em projetos de extensão que começou a conhecer o seu próprio bairro. Comenta que, até o momento, o considerava como um lugar de passagem. A partir da experiência na extensão universitária, ela começou a sentir e construir imagens de si e do entorno. Imagens essas que causam efeitos e relações com outro, que vão além do contato físico, perpassando o sensível, os desejos e prazeres. Torna-se presente a convivência com vizinhos e com os espaços do bairro.

Nas narrativas, as trajetórias singulares que se cruzam – que também se conectam pelas experiências coletivas – sugerem interferências das relações de amizade e parentesco e vivências acadêmicas nos modos destes jovens se apropriarem do território onde vivem. Os jovens passam a assumir escolhas e modos de participar e se engajar, dando ênfase às questões do bairro e da Associação de Moradores.

Diante das observações e percepções que nos levam a enfatizar o potencial desses territórios, e de como as imagens-movimento integram esses multiversos juvenis, realiza-se a I Mostra AudioVisual do Titanzinho.⁹⁰ A existência de uma grande quantidade de material já produzido sobre aquela região – na grande maioria, por moradores de lá – tomou a todos os envolvidos nesse processo que, a cada instante, apresentava situações novas e inesperadas.⁹¹

A rua do Quebramar⁹² foi o local escolhido para que as exposições acontecessem. O fluxo de moradores, entre eles jovens surfistas, crianças, senhoras, era intensa; todos aglutinaram-se diante da tela que não era tão grande, mas que despertava curiosidade de quem passava. Chamou-nos a atenção o modo como o público surpreendia-se com as

⁹⁰ A primeira Mostra foi realizada nos dias 09 e 10 de Dezembro de 2012. E, um ano depois, realizamos a segunda Mostra. Para mais detalhes, ver o blog da pesquisa: <<http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/>>

⁹¹ Mais detalhes no capítulo “Retratos de Lirete: Relações de Amizade e Afetividade na Comunidade do Titanzinho Traduzidas em AudioVisual”, neste livro.

⁹² Avenida Leite Barbosa, altura do número 1.200, no Serviluz, em Fortaleza.

imagens de pessoas do bairro apresentadas na tela e, mais ainda, quando se deparavam com seus cotidianos, com a imagem de si e do outro, de seus conhecidos, amigos e parentes. A todo instante, ouvia-se frases como: *“olha ele aí, mora na rua ali de cima, eu conheço ele”*. Percebíamos a satisfação dos jovens ao serem reconhecidos por pessoas que compartilhavam daquele território, ao verem que os vizinhos lhes viam por outra perspectiva, o de realizadores. Foi também animador escutar alguns jovens falando aos amigos: *“eu não conhecia esse vídeo”* ou *“eu não sabia que o fulano fazia vídeos”*.

Fabiola, que se envolveu na produção da Mostra, traz sua percepção de como essa experiência repercutiu entre os jovens e moradores da comunidade:

Pra o pessoal da comunidade é muito importante essa questão da visibilidade. Pra eles, é importante, e mais ainda, que os vizinhos, os amigos, os familiares vejam essas produções. Acho que cada vez que eles veem essas exposições, ficam se indagando, principalmente de como vivem, do que podem fazer pelo lugar (Fabiola, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012).

Inventar alianças: “uma potência de agir coletiva”

Na experiência do projeto Lente Jovem,⁹³ observamos os modos de construir alianças como sinalizadores da autonomia dos grupos, gerando laços que impulsionam a novas ações. É o que ocorre no encontro dos participantes do Projeto Lente Jovem, com o Levante Popular da Juventude, que estabeleceram parcerias e a intersessão

⁹³ O Lente Jovem é um projeto que envolve jovens que vivem nas ilhas, no bairro Arquipélago, em Porto Alegre. Os jovens vivenciam um processo de criação e produção em vídeo com encontros, oficinas e estágio de captação de imagens e edição, durante doze meses. O projeto é coordenado pela ONG CAMP. A pesquisa In(ter)venções acompanhou a terceira edição (2011-2012). A aliança entre os participantes do Lente Jovem e o Levante Popular da Juventude foi surgindo com a atuação do Levante nas ilhas e nas aproximações com o trabalho do CAMP, pois todos os envolvidos realizam ações no Arquipélago. Mais detalhes no capítulo “Lente Jovem e o Ponto de Vista dos Ilhéus”, neste livro.

entre suas propostas, criando projetos conjuntos de intervenção urbana e produção de vídeos, como, por exemplo, o chamado Levante Popular da Juventude Internacional.⁹⁴

Uma intervenção urbana – filmada, fotografada e, posteriormente, editada – apresenta-se também como intervenção audiovisual criada e produzida por jovens que participaram da terceira edição do projeto Lente Jovem. No vídeo produzido durante algumas ações nas ilhas, o Levante é apresentado na voz de um narrador que informa: “O Levante Popular da Juventude foi fundado em 2005 e, hoje, o trabalho no movimento está percorrendo mais estados do Brasil”; em seguida, alguns jovens falam sobre suas experiências com o Levante. Interessou-nos trazer, em especial, a singularidade expressa na fala de Vanessa Sezar, jovem participante do Lente Jovem:

No Levante, eu gosto a... as amiza... das amizadas que eu fiz, do que... Através do Levante, tu conhece várias pessoas, de vários lugares, experiências novas, assim, muitas atividades legais que eles fazem, por exemplo, lá na Ilha, eles vão lá e ajuntam os jovens, fazem muralismo [...] da maneira que a gente vive, assim, que tem que ver o lado do outro, entendeu?! Que a gente vive num mundinho e... e ele abre assim... quer dizer, abre pros lados, assim (ONG CAMP, 2012).

Entre outros acasos, na trajetória da pesquisa, chamou a atenção a presença de jovens que participam do Levante da Juventude tanto nas Ilhas como na Universidade. Encontros de jovens, ou ainda, como explica Vanessa “células de convivência” entre jovens estudantes moradores das Ilhas e ativistas universitários. Na entrevista-conversa, realizada com Vanessa, percebemos a ênfase dada à atuação do Levante como possível e desejada continuidade das intervenções juvenis: “A terceira edição do Lente Jovem vai finalizar, mas o Levante continua”.⁹⁵

⁹⁴ Transcrição da fala de Vanessa, no vídeo Levante Popular da Juventude Internacional. 2012. ONG CAMP. *Levante Popular da Juventude Internacional*. 2012 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ff2UXuTmfoU>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

⁹⁵ Transcrição da fala de Vanessa, na entrevista realizada em junho de 2012.

Nos estudos de Barbalho (2006), a análise aponta a presença de “uma política da amizade” em ação entre jovens e seus encontros com os processos de criação e produção audiovisual. O autor, a partir de suas leituras de Ortega (1999), afirma que se “trata da experimentação de novas formas de sociabilidade que retraçam e reinventam o político diante da despolitização e do esvaziamento do espaço público” (BARBALHO, 2006, p. 13).

Inventar alianças parece ser um desses modos de experienciar outras possibilidades de viver e conviver em comunidade também para os jovens que moram no Titanzinho, em Fortaleza. Na Associação dos Moradores, os jovens vivem a experiência de apoiar as ideias uns dos outros e trabalhar para que elas aconteçam, ao mesmo tempo em que tentam manter alianças antigas com outras instituições para efetivar a vivência dessas ideias. Eles buscam também novas alianças que visam agregar mais jovens e amigos aos movimentos comunitários e culturais, de forma autêntica e inovadora. Essas experiências podem ser observadas no processo de criação e realização da Mostra Audiovisual do Titanzinho.

Entre outras experiências, destacamos os encontros de mutirão realizados na Associação dos Moradores do Titanzinho, durante os meses de outubro de 2012 e maio de 2013 e, posteriormente, o processo de criação do vídeo Multitudo. Esses encontros mobilizaram a participação de moradores, estudantes, pesquisadores e colaboradores na organização e limpeza de livros que foram doados e encontravam-se empoeirados e amontoados em algumas salas da Associação dos Moradores do Titanzinho; foram pintadas as paredes, entre outras ações, a fim de melhorar as condições físicas do local e revitalizar as atividades sociais, comunicacionais, artísticas etc. O mutirão contribuiu para a auto-organização e a constituição do lugar de autoria na produção de realidades, criando espaços de convivência que possibilitassem a emergência de saberes compartilhados em uma contínua rede de conversações (GORCZEVSKI; SANTOS, 2013).

No exercício de montagem do vídeo Multitudo, ao percorrer as imagens e sonoridades filmadas em diferentes encontros de mutirão, constatamos a emergência do sentido de partilha entre os participantes, principalmente, de afetos e amizades que nos forçam a pensar nos

modos de expressão do sensível provocando aproximações entre conceitos e modos de operar – mutirão e “*multitudo*” e “*imperium*” pensando nas contribuições de Espinoza e nas leituras de Chauí (2003).

A união de corpos e a união de ânimos, constituídas naturalmente pela física do indivíduo como causa interna das ações, a união dos ânimos propiciada naturalmente pela psicologia dos afetos e a união dos corpos e ânimos determinada naturalmente pela lógica das noções comuns como convivência entre as partes de um mesmo todo, permitindo a sua concordância quanto ao que lhes é útil, fazem com que a reunião dos direitos (os numerosos indivíduos como participantes que apenas compõem um todo) se torne a união dos direitos (a causalidade comum dos constituintes para obtenção de um mesmo efeito). Essa união não é uma passagem do menos ao mais, não é algo meramente quantitativo, mas sim é a criação de uma potência nova, a *multitudo*, origem e detentora do *imperium*. O *imperium* é a potência da massa unida como se fosse uma única mente e a *multitudo*, o indivíduo coletivo singular, consoante a definição da individualidade (união dos componentes para uma ação única que os transforma em constituintes de um todo) e da singularidade (existência finita na duração, portanto, acontecimento). O *imperium*, “direito definido pela potência da massa”, é a ação coletiva ou a potência coletiva que se organiza como *civitas* ou *res pública*” (CHAUÍ, 2003, p. 163-164).

Considerações finais

O audiovisual na perspectiva da arte e da comunicação vem assumindo um lugar de destaque, no cenário sociocultural e político brasileiro, agindo, inclusive, como intercessor na criação de outras expressões de visibilidade humana e social. Desse modo, observamos as in(ter)venções audiovisuais como práticas micropolíticas configuradas por agenciamentos coletivos que alimentam e são alimentados pelo cenário comunicacional, artístico, comunitário e juvenil.

Entre os intercessores, encontramos os laços de afeto tanto de parentesco como de amizade. Na escuta atenta das narrativas dos jovens e, ao longo da pesquisa, no exercício de mapear, analisar e fazer

circular produções audiovisuais, que tratam de visibilizar modos de ser e habitar a comunidade e a universidade, constata-se a presença de intercessores mobilizados e mobilizadores de afetos, fazeres e saberes artísticos e comunicacionais incidindo e fazendo emergir expressões do sensível e práticas de fazer alianças.

E, como vimos anteriormente, se o afeto emerge como estado do corpo onde a potência de agir é ampliada ou diminuída, impulsionada ou impedida (SPINOZA, 2007), neste estudo, constata-se o poder de afetar e ser afetado expandindo as potências de intervir com imagens e sonoridades, inventando alianças entre cidade e universidade.

As experiências apresentadas, neste estudo, foram observadas nos encontros do Coletivo de Pesquisa, nas Rodas de Conversa, em Fortaleza e Porto Alegre, e, ainda com mais força, no processo de criação e realização das Mostras Audiovisuais. Entre os dispositivos da pesquisa, a Mostra apresenta-se como intervenção capaz de fazer emergir peculiaridades entre juventudes, instituições e tecnologias, produzindo modo de “pensar o lugar em que vivo” como disse Fabíola, anteriormente, ao observar o interesse das pessoas ao verem as imagens de si e do bairro em uma tela de projeção. Nos vídeos exibidos, essas coemergências tomaram a tela e os modos de ver-se e ser visto.

Imagens e sonoridades mobilizadas por escolhas éticas, estéticas e afetivas que exibem o olhar atento, a estima e amizade pelo território geográfico e existencial, enunciando visibilidades e dizibilidades dos modos de viver e conviver no Titanzinho. Tais experiências suscitam questões e afirmam esses intercessores e suas relações com um conjunto de argumentos para seguir problematizando os modos de ver, ser visto e do rever-se nas telas e ruas de nossas cidades e os modos de inventar e habitar a contemporaneidade.

Referências

BANDEIRA, Tayce. Escola de Mídia. Projeto da ONG Aldeia, em Fortaleza. Experiências em Educomunicação na Vida de Jovens Moradores do Mucuripe. 2011. Monografia (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BARBALHO, Alexandre. No ar da diferença: mídia e cultura nas mãos da juventude. *Comunicação e Informação*, v. 9, n. 1, p. 8 - 15, jan./jun. 2006.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Política em Espinoza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Gilles. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Editions Montparnasse. 2004. 1 DVD.

DIÓGENES, Gloria. *Cartografias da Cultura da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GORCZEWSKI, Deisimer. *Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais: In(ter)venções audiovisuais na Restinga em Porto Alegre*. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Santa Catarina, 2007.

GORCZEWSKI, Deisimer et al. O que podem as in(ter)venções audiovisuais das juventudes? Mobilizar afetos, fazeres e saberes científicos-comunitários. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2012. p.1-15.

GORCZEWSKI, Deisimer; SOARES, Sabrina Késia de Araújo. Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (Org.). *Arte jovem: redesenhando fronteiras da produção artística e cultural*. Ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2014, v. 2, p. 7-36.

_____; SANTOS, Jéssica Barbosa dos. *Relatório da Pesquisa In(ter)venções Audio-visuais das Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, Edital PIBIC 2012-2013*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

_____. et al. *Projeto de Pesquisa: In(ter)venções audio-visuais das juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*, 2010.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau, 2008, v. 1, p. 465-489.

NOGUEIRA, A. A. *Fogo, Vento, Terra, e Mar: arte de falar dos trabalhadores do mar*. São Paulo: Secretaria de Cultura do Município de Caçapava, 2007.

ONG CAMP. Levante Popular da Juventude Internacional. 2012 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ff2UXuTmfoU>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

ORTEGA, F. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PASSETI, Edson. Diferir. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHI, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 81-83.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia*. Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L.; SOUSA, A. I. *Políticas públicas no território das juventudes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Coleção Grande Temas do Conexões de Saberes).

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.